

O fausto de Freud: “O Prêmio Goethe”*

Geraldino Alves Ferreira Netto

O que há de comum entre Freud (1856-1939) e Goethe (1749-1832)? Dizer que ambos viveram exatamente 83 anos de idade, ou que foram os preferidos de suas respectivas mães e, portanto, segundo o próprio Freud, fadados ao sucesso, são fatos e coincidências de pequena monta, embora auspiciosos. Também afirmar que ambos são ícones da cultura alemã ainda é pouco.

Uma notável coincidência é o fato de Goethe certamente ser, além de um dos maiores escritores da humanidade, o mais popular e sábio escritor alemão, um dos chefes do movimento literário *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto) que eletrizou a Alemanha por volta de 1770. O autor, que brilhou no romance, no drama, na poesia, no teatro, na autobiografia e nos ensaios sobre a Natureza, destacou-se também, no dizer de Freud, “em alguns pormenores, dignos de nota, da técnica de nossa psicanálise”¹.

Por outro lado, Freud, na religião, literatura, poesia, artes, ciência e filosofia, dialogou com Moisés, Sófocles, Platão, Virgílio, Leonardo da Vinci, Michelangelo, Shakespeare, Dostoevski, Schopenhauer, Nietzsche, Jensen, Einstein, Salvador Dali, André Breton e muitos outros. Num destaque para o movimento surrealista, em 1937, o poeta André Breton convida Freud a participar de uma publicação conjunta sobre os sonhos, intitulada *Trajectoire du Rêve*. Diante da recusa, Breton, sabendo posteriormente que Freud fora perseguido pelos Nazistas, coloca na primeira página de seu texto:

* Trabalho apresentado no dia 21 de junho de 2006, no Espaço Haroldo de Campos, em São Paulo, no bicentenário de nascimento de Sigmund Freud.

¹ FREUD, S. O Prêmio Goethe. In: *Obras Completas*, ESB. v. XXI. p. 243.

O ilustre mestre, o espírito no qual se encarnou verdadeiramente o “Luz, mais luz” goethiano (...) caindo sob o punho dos brutos, achando-se particularmente destinado ao furor dos inconscientes e dos cães!²

No ano seguinte, é Salvador Dali quem presenteia Freud com um retrato que pintou. Mas, de longe, foi Goethe seu autor preferido, tendo sido citado mais de cem vezes em toda sua obra. Poderíamos até afirmar que o autor de *Fausto* foi um precursor na elaboração de vários conceitos básicos que viriam a fundamentar a psicanálise. Por exemplo, em conversa com Riemer, o alemão afirmou o seguinte:

O ser humano não pode permanecer por muito tempo no estado consciente; há de buscar sempre novo apoio no inconsciente, porque é onde estão mergulhadas as suas raízes.³

Poderíamos pinçar de um de seus poemas, dedicado a Charlotte von Stein, traços do que viria a ser conhecido como o Complexo de Édipo: “Ah! vós fostes, numa vida passada, minha irmã ou minha esposa”⁴. A respeito dos sonhos, destacamos um trecho de outro de seus poemas: “Aquilo que, desconhecido ou despercebido dos homens, vagueia na noite, através do labirinto do coração”⁵. Além disso, bem no início de sua autobiografia, Goethe dá uma definição precisa do que Freud veio a chamar de lembranças encobridoras:

² ROUDINESCO, E. *História da Psicanálise na França*. vol. II. p. 48.

³ VON GOETHE, J. W. *Fausto*. p. 453.

⁴ VON GOETHE, J. W. In: FREUD, S. Op. Cit. v. XXI. p. 242.

⁵ *Idem, ibidem*. p. 243.

Quando procuramos recordar-nos do que nos aconteceu na nossa primeira infância, expomo-nos muitas vezes a confundir o que nos disseram outras pessoas com o que realmente devemos à nossa experiência e às nossas observações pessoais.⁶

Daí a dificuldade de discernir, em seu livro de memórias, o que é ficção e o que é realidade. E se, para Freud, a felicidade não é um estado de coisas, mas uma manifestação episódica, ele subscreveria a afirmação de Goethe: “Nada é mais difícil de suportar que uma sucessão de belos dias”⁷.

Após comparar a versatilidade de Goethe com a de Leonardo da Vinci, Freud dá o golpe final, dizendo, em sua autobiografia, que “foi ouvindo o belo ensaio de Goethe sobre a Natureza, lido em voz alta numa conferência” que resolvera tornar-se estudante de medicina⁸. Além disso, Freud afirma também que o escritor pode ser considerado o patrono dos psicanalistas⁹.

Apesar de distantes um do outro por pouco mais de um século, foram contemporâneos no pensamento, no talento e na influência mundial de suas criações. Ao dizer, portanto, que o grande escritor foi também um pouco psicanalista, a recíproca impõe-se como verdadeira: o grande psicanalista também se destacou como escritor. Produziu textos literários, além dos escritos clínicos e teóricos, tendo sido agraciado, em 1930, com a única distinção que recebeu em vida, o “Prêmio Goethe”, criado em 1927, em Frankfurt, cidade natal de Goethe, para que fosse concedido anualmente a “uma personalidade de realizações já firmadas,

⁶ VON GOETHE, J. W. *Memórias: Poesia e Verdade*. v. I. p. 19.

⁷ VON GOETHE, J. W. In: FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Op. Cit. v. XXI, p. 95.

⁸ FREUD, S. *Um estudo autobiográfico*. In: Op. Cit. v. XX, p. 19.

⁹ FREUD, S. *O Prêmio Goethe*. In: Op. Cit. v. XXI, p. 244.

cuja obra criadora fosse digna de uma honra dedicada à memória de Goethe”¹⁰. Como Freud comentaria posteriormente, isso teria sido o clímax de sua “vida como cidadão”¹¹.

Os 10.000 marcos alemães do prêmio eram nada em comparação com o júbilo, o *fausto* que representou para Freud (cujo sobrenome, aliás, pode ser traduzido para o português como “Fausto”), e pela satisfação e orgulho que lhe proporcionou. Seu emocionado discurso de agradecimento foi lido por Anna Freud, em virtude da limitação de saúde do pai.

Uma coincidência mais significativa, entre os dois, é o mergulho profundo que fizeram nos recônditos destinos da alma humana, descobrindo aí não os rostos angelicais das religiões, mas os monstros mefistofélicos, assustadores e inconscientes de todos nós.

Assim, se a mais importante obra de Goethe é o *Fausto*, onde retoma a história da personagem que vende a alma ao demônio Mefistófeles, em troca de favores, em Freud, o livro *princeps* é *A interpretação de sonhos*, em cujo frontispício, citando a *Eneida* de Virgílio, inaugura sua missão, com a epígrafe: “*Flectere si nequeo Superos, Acheronta movebo*” (Se não posso dobrar os Poderes Supremos, moverei os Infernais)¹². Outra epígrafe, num livro importante que fala da psicopatologia e das superstições, cita versos do *Fausto*: “O feitiço que agora, tanto, está no ar, não há quem saiba como evitar”¹³. E já quase no final deste mesmo livro, Freud confessa: “Antigamente achei que havia muito de Fausto em mim”¹⁴.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 238.

¹¹ Idem. Um estudo autobiográfico. In: Op. Cit. v. XX, p. 91.

¹² Idem. A interpretação dos sonhos. In: Op. Cit. v. IV, p. XV.

¹³ Idem. A psicopatologia da vida cotidiana. In: Op. Cit. v. VI, p. 11.

¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 293.

Nem dormindo, Freud se descuidava de Goethe. Sonhou com ele um sonho absurdo, comentado em dois lugares¹⁵. Mas é no texto *Uma neurose demoníaca do século XVII*, que Freud analisa um manuscrito originário do santuário de Mariazell, local de peregrinação próximo a Viena, no qual havia a descrição pormenorizada de um pacto demoníaco perpetrado pelo pintor Christoph Haizmann. Logo de início, Freud confessa que seu interesse por esse caso vinha exatamente de sua semelhança com a lenda de Fausto.

A diferença era que se para Fausto o demônio oferecia vantagens, riqueza, segurança, poder, artes mágicas e, sobretudo, belas mulheres, ao contrário, e illogicamente, o pintor recusava todas essas ofertas e ainda se dispunha a prestar favores ao demo, com a única condição de que este o livrasse da depressão que passou a sentir após a morte de seu pai. Como garantia, o pintor assinou um contrato: “Eu, Christoph Haizmann, subscrevo-me a este Senhor como seu filho”¹⁶.

A partir daí, Freud desenvolve a tese de que o demônio é um substituto do pai. Alguns anos depois, em *O futuro de uma ilusão*, faz o mesmo raciocínio com a figura de Deus:

Quando o indivíduo em crescimento descobre (...) que nunca poderá passar sem proteção contra estranhos poderes superiores, empresta a esses poderes as características pertencentes à figura do pai; cria para si próprio os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção¹⁷.

¹⁵ Idem. A interpretação dos sonhos. In: Op. Cit. v. V, p. 469 e 701.

¹⁶ Idem. Uma neurose demoníaca do século XVII. In: Op. Cit. v. XIX, p. 104.

¹⁷ Idem. O futuro de uma ilusão. In: Op. Cit. v. XXI, p. 36.

Referência curiosa a Goethe aparece também no relato clínico freudiano do “Homem dos Ratos”, um caso de neurose obsessiva, em que o paciente tem dúvidas sobre se casar com a mulher pobre que ama ou com a rica que não deseja. O sintoma era repetição exata do que acontecera com o pai do paciente. Além de sentir culpa por isso, o paciente vivia atormentado pela idéia de que, se fizesse determinadas coisas, como desejar ver mulheres despidas, aconteceria uma maldição ou danos contra o próprio pai ou contra a mulher amada. Tinha o hábito de se masturbar à meia-noite, diante do espelho, esperando que o pai chegasse para vê-lo e aprovar seu empenho nos estudos. O pai, entretanto, já havia morrido há algum tempo. A condição para o paciente se excitar sexualmente era ler as belíssimas passagens literárias da autobiografia de Goethe, especialmente aquela em que o autor se livra da maldição lançada por uma amante rejeitada contra a próxima mulher que lhe beijasse os lábios¹⁸. Quando o paciente se masturbava, aos seis anos de idade, seu pai lançara a maldição: “Você vai morrer se fizer isso”¹⁹. Repetir o ato, quando adulto, invocando o fantasma do pai morto, era a mesma tentativa de se livrar da maldição. Em texto específico sobre Goethe, Freud tece comentários sobre um episódio da autobiografia daquele, intitulada *Poesia e Verdade (Dichtung und Wahrheit)*, composta de vinte livros, na realidade capítulos, sendo que, já na segunda página do primeiro capítulo, Goethe relata lembrança de que, aos três anos e meio, sua mãe comprou pratos e panelas para suprir a cozinha da casa, dando a ele, de presente, algumas miniaturas correspondentes. Numa tarde de muito sossego, ele resolve jogar pela janela suas miniaturas. Seus vizinhos adultos, amigos da família, acharam aquilo divertido, e incentivaram o garoto a continuar a brincadeira. Acabadas as miniaturas, foram-se também os

¹⁸ Idem. Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In: Op. Cit. v. X, p. 206.

¹⁹ Idem, ibidem, p. 263.

pratos e panelas novas, sob aplauso geral e diversão do pequeno. Segundo Freud, tudo não passaria de uma peraltice, não fosse pelo fato de uma criança, nesta idade, já saber que seria castigada. Também acontece que, neste momento, Goethe ganhara um irmãozinho e, segundo Freud, estaria com ciúmes. Pouco depois, o irmão falece, e a mãe se surpreende de Goethe não ter chorado nem ficado triste, antes pelo contrário. Freud conclui então que o irmão é que fora defenestrado²⁰.

Tal interpretação se comprova com a declaração de Goethe, na citação de Freud:

Eu era uma criança de sorte: o destino preservou minha vida, embora tenha vindo ao mundo como morto. Além disso, o destino eliminou meu irmão, de modo que não tive que compartilhar com ele o amor de minha mãe²¹.

Um nexos mais profundo liga Freud e Goethe: a investigação sobre o desejo humano. E foi na tragédia grega que ambos se inspiraram. Inexplicavelmente, algumas das melhores traduções ao português omitiram o significante *Tragédia*, que consta do título original *Faust – eine Tragödie*. Todo o terceiro ato do *Fausto* se passa em Esparta, diante do palácio de Menelau. Do casamento de Helena de Tróia com Fausto nasce Euforion, destinado a morrer tragicamente²². Euforion era uma homenagem ao gênio da poesia e do romantismo inglês, *Lord Byron*, do qual Goethe era profundo admirador.

Foi na tragédia que o poeta situou a tradição filosófica alemã, que realça a soberania do indivíduo. Afinal, Fausto é o símbolo da humanidade que

²⁰ Idem. Uma recordação de infância de *Dichtung und Wahrheit*. In: Op. Cit. v. XVII, p. 185.

²¹ Idem, *ibidem*, p. 195.

erra ao perseguir seus próprios desejos, sem, contudo, desistir de tentar realizá-los. E foi pelo esforço de realizá-los que Fausto, apesar do erro de julgamento ao apostar a alma, ameaçado de condenação na primeira parte do livro, foi, no final, redimido e recebido no céu, com pompa e circunstância, na presença dos anjos e da Virgem Maria. O que até então era considerado como magia e feitiçaria, passa a ser a busca do conhecimento, da verdade e do desejo.

Do mesmo modo, Freud exorciza a histeria, tirando-lhe o estigma de doença ou possessão demoníaca, para encará-la como a busca de libertação da repressão sexual que tanto abafou o desejo das mulheres por tantos séculos. E foi nas tragédias de Sófocles e Shakespeare que ele fundamentou toda a teoria do Complexo de Édipo.

Apesar das convergências, uma grande divergência separa os dois gênios. Se, de um lado, o *Fausto* exalta a pansofia, o conhecimento de todas as coisas, a completude, por outro, a psicanálise insiste na falta, no vazio e no desamparo do ser humano. Esta é a razão pela qual a psicanálise, longe de ser uma visão filosófica de mundo, inclina-se a pensar (curar) o sofrimento humano.

Jacques Lacan, no texto *O mito individual do neurótico*, cujo subtítulo é *Poesia e verdade na neurose*²³, dedica-se também a aproximar as histórias do *Homem dos Ratos* a Goethe, mostrando algumas correlações.

Conforme relatado em sua autobiografia, o jovem Goethe, aos vinte e dois anos, separa-se de sua amada Lucinda, no momento em que explode de paixão por Frederica Brion. Injuriada, Lucinda prepara-lhe uma armadilha, encarregando sua irmã Emília de seduzi-lo e roubar-lhe um beijo na boca. De espregueira, surpreende-os e invectiva: “Acautela-te

²² VON GOETHE, J. W. *Fausto*. p. 335.

²³ LACAN, J. *O mito individual do neurótico*, p. 68.

com a minha maldição! Desgraças sobre desgraças, para todo o sempre, à primeira que beijar estes lábios”²⁴. Para conjurar a maldição e o medo de que ela se realizasse, Goethe utiliza a estratégia de se aproximar de Frederica, usando alguns disfarces. Sendo ela filha do Pastor Brion, Goethe se camufla de estudante de teologia, tomando emprestada uma batina surrada que acaba deixando-o envergonhado diante da beleza esplendorosa da jovem.

De outra feita, disfarça-se de um empregado de albergue, fazendo-se de bobo, e levando um bolo de batismo de presente para o pastor. Este era o costume dos pais ao levar uma criança para batizar. Os *Goethes-forscher*, ou especialistas em Goethe, comprovaram que, no período de seis meses antes e depois, não houve nenhum batizado naquela pequena aldeia.

Como não houve pai, não houve criança, não houve batizado, Lacan conclui que o gesto de Goethe era uma evocação e tentativa de restituição da função simbólica do pai. Seus disfarces, longe de conseguirem o efeito de desenfeitiçamento, só aumentaram sua inibição, caracterizando seu aspecto neurótico, isto é, a fuga diante do objeto de desejo, da mesma forma que no caso do *Homem dos Ratos*. Na neurose obsessiva, a culpa e a dúvida apontam para um desejo impossível, do mesmo modo que, na histeria, para um desejo insatisfeito.

Com sua obra-prima, o próprio Goethe pode ter contaminado o paciente de Freud, porque, além da bela canção do rato envenenado, declara: “Eu me sentia como um rato que comeu veneno e corre a meter-se em todos os buracos”²⁵. Lacan, em poucas palavras de seu estilo contundente, conclui: “De Goethe pode dizer-se que, pela sua

²⁴ VON GOETHE, J. W. *Memórias: poesia e verdade*, v. I, p. 306.

²⁵ VON GOETHE, J. W. *UrFaust*, p. 29 e 96, nota 33.

inspiração, a sua presença vivida, extraordinariamente impregnou e animou todo o pensamento freudiano”²⁶.

Para Freud, o diabo é considerado como porta-voz do desejo, sendo a magia a fantasia de realização do mesmo. Também em Lacan, o mesmo sentido é dado ao conto do francês Cazotte, *Os amores do Diabo* (*Le Diable amoureux*). Em sintonia com Freud e Goethe, Lacan defende que a única culpa que podemos ter é a de desistir do próprio desejo.

Também é sabido que, desde o Romantismo alemão, caracterizado pelos romances psicológicos, com Goethe e, sobretudo, com Freud, a busca do pai é o mote constante, num país que se denomina *Germânia*, referência a “irmandade”, e num povo que sonhou ser uma raça superior, uma nova linhagem, precisando, portanto, de um pai de sangue puro, que nunca apareceu.

²⁶ LACAN, J. Op. Cit., p. 78.

Bibliografia

- FREUD, S. *Obras Completas*, ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- LACAN, J. *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1980.
- VON GOETHE, J.W.- *Memórias: Poesia e verdade*, 2. ed., Brasília: Universidade de Brasília, 1986.
- _____. *UrFaust*, Buenos Aires: Arca Galerna, s.d.
- _____. *Fausto*, São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1981.
- ROUDINESCO, E. *História da Psicanálise na França*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,
1988.

Geraldino Alves Ferreira Netto – psicanalista

Autor de: *Wim Wenders, Psicanálise e Cinema*, São Paulo: Unimarco,
2001.

Professor convidado do Curso de Pós-Graduação *lato sensu*, em
Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

e-mail: geraldinoafn@uol.com.br

Tels. 019- 3384-3652 (cons.) e 3258-6184 (res.)